

COMUNIDADE/CURITIBA

Com novos atrasos, Parque deve ficar pronto no 2º semestre

Os moradores de Curitiba e turistas da cidade terão que esperar até o próximo semestre para a inauguração do Parque da Imigração Japonesa, localizado às margens do rio Iguaçu. Segundo o Instituto Municipal de Turismo (Turismo Serv) da Prefeitura de Curitiba, o atraso ocorreu devido à intensidade da chuva e a dificuldade no início das obras para as conformações da via de acesso, que são afastadas da avenida principal Comendador Franco. Além disso, a região é provida de uma nascente e tem um nível de água subterrânea muito elevada, outro fator agravante afirma a prefeitura.

Segundo João Tomio Nakamura, vice-presidente geral da Nikkei Curitiba (Associação Cultural e Beneficente Nipo-Brasileira de Curitiba), a construção do parque foi anunciada antes de 2008 para comemoração do Centenário da Imigração Japonesa no Brasil, pela Comissão de IMIN-100 em parceria com a Prefeitura Municipal de Curitiba. Ele esclareceu ainda que no ano em que deveria ocorrer a construção, o responsável pelo projeto, o arquiteto Luiz Hayakawa, explicou que devido aos cortes de recursos, o parque dependeria praticamente da Prefeitura de Curitiba, e que a construção ocorreria no decorrer dos anos do centenário.

“Neste momento, já no terceiro ano do centenário, vê-se que o parque está em condições de ser inaugurado, mas que ainda há muito o que fa-



Obras do parque já começaram, mas a previsão de inauguração é para o segundo semestre deste ano

zer. Se formalizarmos a parceria com a Prefeitura, a expectativa é que local seja o centro de apoio às informações sobre meio ambiente, turismo, cultura, esportes, negócios e outros assuntos de interesse entre Brasil e Japão, como inicialmente previsto”, explica Nakamura.

O Projeto – A importância do Parque da Imigração Japonesa vai além da divulgação da cultura e homenagem aos imigrantes. O projeto é parte do pacote de obras de urbanização e revitalização que a prefeitura executa na região da Vila Audi/União. Para a instalação do parque, a Companhia de Habitação de Curitiba (COHAB) transferiu 855 fa-

mílias que viviam em condições irregulares e insalubres na área. Outras 473 famílias estão sendo remanejadas dentro da própria comunidade. “Para o município de Curitiba foi um grande avanço. O lugar já estava invadido por várias famílias que foram transferidas para outros locais”, conta o vice presidente que apesar dos atrasos ressalta a recuperação ambiental da área

Segundo a Prefeitura de Curitiba, o parque, com 385 mil metros quadrados, contará com um centro de eventos dedicados às tradições étnicas japonesas, localizado em uma ilha, em meio a dois lagos, com uma estrutura redonda de metal e vidro semelhante à estufa do Jardim Botânico. Além

disso, pistas de caminhada, quadras e equipamentos de esportes fazem parte do projeto.

“Sem dúvida o local, além de homenagear os imigrantes, poderá ser o centro de divulgação da cultura japonesa, mas isso só acontecerá se houver entendimentos com a Prefeitura Municipal”, afirma Nakamura.

Desde o final do ano passado, a prefeitura disponibilizou em seu site, a informação que a inauguração do parque está prevista para o próximo mês, mas em contato com a reportagem do Jornal Nippak, a prefeitura afirma não saber a data exata da inauguração no segundo semestre.

(Thâmara Kaoru)

POLÍTICA

Nishimori e Abe criticam aumento do mínimo para R\$ 545,00

Na última quarta-feira (16/02), a presidente Dilma Rousseff passou por sua primeira votação na Câmara dos Deputados e conseguiu a aprovação do salário mínimo de R\$ 545, elevando R\$ 5 reais a mais do proposto na emenda provisória do começo do ano e R\$ 35 em relação ao ano passado.

Foram mais de dez horas de incansáveis discussões em clima tenso e votação nominal, ou seja, quando é possível saber como votou cada um dos parlamentares. Houve também vaias dos representantes das centrais sindicais para o ex-presidente da CUT (Central Única dos Trabalhadores), o deputado Vicentinho (PT-SP), ao anunciar a aprovação do valor mínimo.

Na votação para o salário de R\$ 600 reais propostos pelo PSDB e defendido durante a campanha presidencial de José Serra, foram 106 votos a favor, 376 contra e sete abstenções. “Seria importante o aumento para R\$ 600 reais. Tivemos dados que comprovavam a viabilidade desta proposta. Ouvimos todos os lados e argumentos. Infelizmente perdemos, mas colocamos a visão do partido”, afirma Luiz Nishimori (PSDB-PR) que atenta ainda para os 47,7 milhões que recebem o salário mínimo, entre trabalhadores formais e informais (29,1 milhões) e beneficiários da Previdência (18,6 milhões).

Já para o valor de R\$ 560, foram 361 votos contra, 120 favoráveis e onze abstenções. O valor foi apoiado pelas centrais sindicais e pela oposição. Segundo o deputado federal Junji Abe (DEM), para a elevação do salário para R\$560, seriam necessários R\$4 bilhões. “Indicamos projetos supérfluos e sem repercussão social que poderiam ser cancelados para que os trabalhadores não sofressem esse golpe. Afinal,



Luiz Nishimori: “Colocamos a visão do partido”

eram apenas R\$ 15 a mais – ou seja, R\$ 0,50 por dia – em relação ao piso de R\$ 545, proposto pelo governo e aprovado depois de forte pressão”, lamentou Abe que diz contar com estudo de especialistas para tal argumento.

O PMDB foi o partido mais fiel ao governo e sem ausências na votação do salário mínimo de R\$ 545. Os 77 deputados do partido votaram fechados contra as propostas de um valor maior. O PT registrou duas dissidências a favor do mínimo de R\$ 560 e unanimidade contra os R\$ 600. Além disso, sete petistas faltaram à votação em uma bancada que soma 85 deputados.

Procurada pela reportagem do Jornal Nippak, a deputada federal Keiko Ota (PSB-SP), não retornou o contato. Segundo seu assessor parlamentar, Roberto Sekiya, a deputada não apresentava disponibilidade na agenda.

Pressões – Para Junji Abe, a votação tomou esse rumo devido às pressões do governo, a começar pelo clima antes da votação, em que muitos deputados da base aliada, incluindo petistas, que haviam comprometido a votar a favor da emenda do DEM davam sinais de que iriam recuar, cedendo



Junji Abe: pressões do governo

à forte pressão vinda do Palácio do Planalto.

O argumento oficial era de que a elevação do mínimo acima dos R\$ 545 propostos ocasionaria o descontrole da economia, impulsionando a inflação, já bastante acelerada desde o final do ano passado. Em especial, para itens da alimentação. “Os gastos do ano passado foram os responsáveis pela inflação. E o governo usou espertamente o argumento que mais do que R\$ 545 a agravaria ainda mais. O aumento do poder aquisitivo lubrificaria a economia, beneficiando os trabalhadores, aposentados e pensionistas, empresas dos diversos setores, todos”, avaliou Abe.

Nishimori também concordou que um acréscimo seria expressivo para a economia. “Aumentar de R\$ 510 para R\$

545 é muito pouco. Os brasileiros são bons consumidores e quando aumentamos o salário, damos à população a possibilidade de comprar mais, irrigando assim o comércio e fazendo com que a indústria cresça”, comenta ele e compara. “os trabalhadores braçais deveriam ganhar mais, não menos como acontece. Deveria ser como o Japão. Aqueles que correm mais risco ganham mais que os engravatados”, crítica.

Além disso, para Abe, “é preciso acabar com o conceito equivocado de que salário é despesa. Salário não é despesa é investimento”. Ainda de acordo com o parlamentar, o aquecimento da economia poderia proporcionar melhor resultado ao PIB (Produto Interno Bruto) deste ano, fazendo com que o crescimento atingisse margem semelhante à registrada de 2010 em relação a 2009. “Mesmo assim, o equilíbrio financeiro poderia ser alcançado sem penalizar ainda mais os trabalhadores. Mostramos que havia o que cortar no orçamento. E nem tocamos no principal a ser feito para ajustar as contas que é enxugar a gigantesca máquina administrativa federal”, analisou. O cálculo para o reajuste leva em conta a inflação do ano mais o crescimento do PIB de dois anos. Por esse critério, o mínimo proposto pelo governo é de R\$ 545 em 2011 e, para 2012, a projeção é de cerca de R\$ 615 prevê o Ministério da Fazenda.

Próximo passo – Depois de passar pela Câmara dos Deputados, para o valor de R\$ 545 entrar em vigor, o governo precisa a aprovação do Senado. A votação estava marcada para quarta-feira (23), mas até o fechamento desta edição, não havia sido encerrada.

(Thâmara Kaoru)

COLUNA DA ERIKA SUMIDA

Kafunsho

A princípio, o nome causa uma certa estranheza, mas kafunsho nada mais é do que polinose, complicado em português também, não é?

Vou explicar: Kafunsho é a alergia ao pólen alergizantes de alguns cedros.

E exatamente neste mês estamos no auge do kafunsho, isso porque vamos entrar na primavera, e o inverno está no finalzinho, e esse é o clima propício para o aparecimento da polinose.

O pólen, que é o agente causador das alergias, costuma agir nos dias quentes e ensolarados, e principalmente quando há ventos, pois são transportados para todos os lados.

Observando os sintomas pode ser facilmente confundido com gripe. Os sintomas duram geralmente os três meses da primavera, sendo agravados quando o ano tem suas estações bem definidas como inverno extenso e rigoroso com temperaturas mais baixas que o normal, e a primavera exuberante e mais florida.

Os principais sintomas são: Coriza; obstrução nasal; coceira no nariz; na garganta e no céu da boca; lacrimejamento nos olhos e sensação de pressão nos ouvidos; crise de asma brônquica.

Quem sofre com essa alergia sabe que ela tem a marca de ser periódica, retornando todos os anos.

Para aqueles que suspeitam, mas não têm certeza se está com kafunsho, é recomendado a realização de exames.

E eu tenho sofrido muito com essa alergia durante esses dias, saio de casa e já sinto uma coceira nos olhos, parecido com conjuntivite, o nariz é um caso a parte, vive entupido e escorrendo, sem contar a garganta que dá vontade de por o dedo e coçar ela lá no fundo...

A primavera aqui no Japão é uma estação lindíssima, as flores das cerejeiras são um espetáculo à parte, tenho que reconhecer, mas ela vem acompanhada desse porém, o tal do kafunsho.

Pesquisas dizem que 40% da população japonesa sofre com o kafunsho, e por causa disso, os mercados e farmácias estão abastecidos nesta época do ano de vários recursos para poder amenizar os sintomas da alergia, são vários tipos de máscaras anti-alérgicas, spray nasal, adesivos para a pele, chá para gar-

garejo e uma infinidade de outros produtos que eu nem imagino como funciona, mas que tem a finalidade de ajudar na luta contra o kafunsho.

Os japoneses ainda dizem para não pendurar as roupas fora de casa para secar, pois isso propicia a entrada dos pólenes dentro de casa através das roupas.

Quando cheguei no Japão, estranhava ver os japoneses na rua de máscaras, elas são parecidas com máscaras cirúrgicas, e vendo aquilo pensava que todos estavam com alguma doença grave, mas só depois entendi que é uma maneira de prevenção ao kafunsho, e hoje quando saio às ruas já nem reparo mais se a pessoa está de máscara ou não, mas sinceramente eu não consigo usar a máscara.

O spray nasal é a minha companhia mais constante no momento, não consigo ficar longe, e dormir sem usá-lo então, nem pensar.

Isso porque já passei pelo hospital para pegar o meu remédio anti-alérgico e o colírio, o aconselhável é passar pelo médico para poder identificar o tipo de remédio adequado para cada pessoa.

E os produtos especializados nesse tipo de alergia não para de crescer, os empresários antenados nessa brecha estão sempre desenvolvendo algum tipo de produto com diferencial para atender a todos e não deixar ninguém na mão. Existe até máscaras especialmente desenvolvidas para mulheres, isto é, desenhada para que a maquiagem não borre, e o tradicional branco foi substituído por um rosa-bebê...o resto é pura merchandising!

O aumento assustador do número de casos de kafunsho no Japão é explicado pelo fato de que os bosques de cedros (grande parte queimada durante a Segunda Guerra Mundial) foram replantados e atualmente alcançaram a sua fase adulta, liberando no ar uma quantidade maior de pólen.

Mas já que estamos aqui e não tem como fugir do kafunsho, vamos continuar a nossa luta então! Vou passar na farmácia e comprar uma dessas máscaras cor-de-rosa e vamos que vamos...

*Erika Sumida nasceu em Araçatuba (SP) e há 13 anos mora no Japão, onde trabalha com desenvolvimento de criação. E-mail: erikasumida@hotmail.com

AVIAÇÃO

Brasil questiona na OMC subsídios japoneses

Para evitar que a Empresa Brasileira de Aeronáutica (Embraer) perca mercado na exportação de aviões, o Brasil decidiu questionar, na Organização Mundial do Comércio (OMC), os subsídios concedidos pelo Japão à empresa Mitsubishi Regional Jet, potencial competidora do Brasil no mercado mundial de aviação.

Apesar da preocupação do governo brasileiro, os esclarecimentos japoneses não terão impacto jurídico. O pedido brasileiro por informações serve como alerta para que não haja uma disputa comercial.

O mercado de jatos comerciais de pequeno e médio portes é dominado, atualmente,

pelo Brasil, com a Embraer, e pelo Canadá, sede da empresa Bombardier. O Japão é um importante candidato para entrar nessa disputa. No entanto, o governo brasileiro levanta dúvidas sobre as facilidades que o governo do Japão oferece para financiar as operações da indústria local.

(da Agência Brasil)

NIPPAK GRAPHICS

Rua da Glória, 332
Liberdade - São Paulo
3271-0808 / 3208-4863
contato@nippak.com.br